

**Planeta ESPM: rotinas produtivas e
convergência das mídias ditando
novas regras no jornalismo**

Planeta ESPM: productive routines and
media convergence dictating
new rules in journalism

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



EGLE MÜLLER SPINELLI¹

HEIDY VARGAS²

RESUMO

O objetivo do relato é abordar a experiência de aprendizagem a partir da realização do Planeta ESPM, um programa de entrevistas de TV transmitido ao vivo pela internet, desenvolvido no terceiro semestre do curso de Jornalismo da ESPM-SP. O programa constitui o primeiro contato do discente com a mídia audiovisual e tem como atividade pedagógica conectar a realização da entrevista em estúdio de TV com outros formatos jornalísticos televisivos e digitais, com o intuito de ampliar as competências jornalísticas na difusão de informação em diversas plataformas digitais. Por meio de revisão bibliográfica sobre as rotinas de produção e processos de convergências de mídia, relata-se a experiência da aprendizagem baseada em projetos e as competências possibilitadas pela academia para a prática telejornalística no ambiente de convergência digital contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE

Telejornalismo. Entrevista. Convergência. Experiência de aprendizagem.

ABSTRACT

The aim of this report is to reflect upon the learning experience from making Planeta ESPM, which is a TV program of interviews broadcasted live on the Internet, developed in the third semester of the Journalism Course of ESPM-SP. The program was conceived in order to be the first contact of the student with the audiovisual media and its pedagogical objective is focused on connecting the interview in TV studio with other television and digital journalistic formats to expand the journalistic competences in the diffusion of information in diverse digital platforms. Through a review of specific bibliographies about production routines and media convergence processes, we intend to report the experience of project-based learning and skills made possible by the academy for the deployment of telejournalism in the context of contemporary digital convergence.

KEYWORDS

Telejournalism. Interview. Convergence. Learning experience.

Recebido em: 10/04/2016. Aceito em: 03/05/2017.

¹ Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Bacharel em Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora adjunta da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP). E-mail: egle.spinelli@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1376252594990732>.

² Mestre em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pelo FIAM-FAAM Centro Universitário. Professora titular da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP) e da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). E-mail: heivargas@iq.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8628777257321627>.

1 INTRODUÇÃO

O exercício do jornalismo na atualidade exige um profissional habilitado a trabalhar em um ambiente de convergência de mídias. Convergências de mídias, conforme Salaverría (2009), são processos que podem ocorrer em quatro instâncias principais: empresarial, tecnológica, profissional e de conteúdo. O jornalista sempre precisou estar preparado para lidar com diferentes competências, conforme a sua área de atuação dentro de um veículo de comunicação. Hoje, além de precisar ser um profissional multifuncional, também necessita estar preparado para exercer sua profissão em uma realidade comunicacional convergente.

La convergencia periodística es un proceso multidimensional que, propiciado por la implantación generalizada de las tecnologías digitales, afecta actualmente a las empresas de medios de comunicación y conforme al cual las esferas tecnológica, empresarial, profesional y de contenidos de esas empresas experimentan respectivos fenómenos de mudanza, caracterizados por una integración de herramientas, espacios, métodos de trabajo y lenguajes anteriormente disgregados. (SALAVERRÍA, 2009, p. 7).³

O termo convergência é normalmente usado para descrever a sinergia entre tecnologia, mídia e informação, que alteram as relações da sociedade em todo o mundo (WILKINSON; GRANT; FISHER, 2009). Além de compreender os processos de convergência, o jornalista também precisa lidar tanto com as questões básicas de apuração e edição de material informativo, como dominar as diferentes linguagens e técnicas que permeiam o jornalismo multimídia e multiplataforma. Saber formatar um texto noticioso, executar uma matéria em áudio, compor um enquadramento fotográfico e estruturar os elementos audiovisuais para realização de uma narrativa jornalística são procedimentos cada vez mais exigidos para uma comunicação acurada na era digital. Isto implica não apenas no conhecimento de um instrumental técnico, mas também de um domínio de linguagens múltiplas para elaborar determinado contexto e

³ "A convergência jornalística é um processo multidimensional que, propiciado pela implantação generalizada das tecnologias digitais, afeta atualmente as empresas de comunicação, conforme as esferas tecnológica, empresarial, profissional e de conteúdos destas empresas que experimentam fenômenos de mudança, caracterizados pela integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens anteriormente desagregados". (SALAVERRÍA, 2009, p. 7, tradução nossa).

Planeta ESPM:

rotinas produtivas e convergência das mídias ditando novas regras no jornalismo

transmitir certa mensagem dentro de um sistema comunicacional complexo. E ainda mais do que isso, concatenar e reunir informações correlacionadas à pauta abordada em diversas mídias para ampliar a pluralidade dos fatos e aprofundar o assunto, que muitas vezes será distribuído em múltiplas plataformas pela possibilidade proporcionada pela convergência tecnológica.

Na universidade, toda lógica de gestão, produção e distribuição de conteúdos jornalísticos deve ser compreendida pelo discente para que seja capacitado ao mercado de trabalho. Na atualidade, esta lógica não obedece mais as cadeias de valores do jornalismo tradicional e precisa ser adaptada à nova realidade vigente das mídias digitais. As novas diretrizes curriculares⁴ para o curso de graduação em Jornalismo também privilegiam as aulas práticas em um ambiente regido pela convergência tecnológica em diversos suportes, para que os alunos adquiram autonomia para desenvolver e produzir conteúdos em diversos meios e plataformas.

Para formar um profissional habilitado ao novo perfil do jornalista a universidade precisa se transformar em um espaço de experimentação para que o aluno possa exercer as premissas básicas da profissão e atuar de maneira polivalente, desde o entendimento da convergência necessária para a execução de temáticas diversificadas e coerentes ao tipo de produto a ser realizado, o domínio de equipamentos, softwares, aplicativos e dispositivos técnicos, além do conhecimento das potencialidades do uso de linguagens híbridas para a construção narrativa em diversos segmentos informativos.

La convergencia en las esferas tecnológica y empresarial – y, dentro de esta última, muy especialmente la integración de redacciones –, propicia una creciente polivalencia de los periodistas en todas las escalas: la funcional, la temática y la mediática. (SALAVERRÍA, 2009, p. 10).⁵

⁴ BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192>.

⁵ “A convergência nas esferas tecnológicas e empresariais – e, dentro desta última, mais especificamente a integração das redações –, propicia uma crescente polivalência nos jornalistas em todas as escalas: funcional, temática e midiática”. (SALAVERRÍA, 2009, p. 10, tradução nossa).

Desenvolver um programa pedagógico que abarque as questões de convergência digital em diferentes níveis de competência para o docente é uma das questões primordiais do curso de Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). A abordagem do conceito de convergência dos meios de comunicação não se estende a simples integração das redações e pode ser inserida em três grandes eixos teóricos (SALAVERRÍA; GARCÍA AVILÉS; MASIP, 2008): como uma confluência de tecnologias, que permite a combinação de códigos linguísticos e de suportes de difusão; como um sistema orgânico e multifacetado em âmbitos distintos; e como um processo que leva a determinada direção/ponto específico.

Aqui pretende-se exemplificar esta dinâmica a partir das disciplinas⁶ que compõem a formação audiovisual do discente, em especial a primeira que inicia o processo de aprendizagem do aluno nessa área, denominada *Produção Jornalística e Edição em TV I*, iniciada no terceiro semestre do curso. A abordagem da convergência em disciplinas ligadas a produção audiovisual retrata a importância de estruturar o plano de ensino, que inicialmente estaria concentrado apenas em um conhecimento específico, no caso a mídia televisiva, com outras possibilidades comunicacionais. A linguagem audiovisual por si só já abarca o exercício de convergência em várias mídias por permitir a junção de material textual, sonoro, imagético (estático ou em movimento), gráficos etc. Porém, a intenção é ir mais longe e proporcionar uma vivência com as mídias digitais, pois os alunos precisam arquitetar a execução de um programa de entrevistas para TV que é transmitido ao vivo pelo site da ESPM e posteriormente distribuído sob demanda pela internet, o que exige um planejamento para que este conteúdo seja também formatado para este meio.

Este cenário pede a formação de um jornalista polivalente que assume diferentes perfis profissionais, que vão além daqueles requeridos pelos veículos tradicionais, com capacidade de desempenhar diversas funções no

⁶ As disciplinas que compõem a formação do aluno são: 1) *Produção Jornalística e Edição em TV I*, que tem como conteúdo programático a compreensão das pautas e dos formatos jornalísticos na TV a partir da produção do programa *Planeta ESPM* (<http://jornalismosp.espm.br/categoria-videos/planeta-espm>); 2) *Produção Jornalística e Edição em TV II*, que aprofunda os conceitos do telejornalismo e produz o telejornal *ESPM no AR* (<http://jornalismosp.espm.br/categoria-videos/espm-no-ar>); 3) *Documentário em Vídeo*, que desenvolve as habilidades para a produção documentária jornalística; 4) *Produção Audiovisual para Internet*, que exercita o desenvolvimento de produtos audiovisuais para as mídias digitais.

Planeta ESPM:

rotinas produtivas e convergência das mídias ditando novas regras no jornalismo

desenvolvimento de produtos informativos. Para exercitar o discente neste novo ambiente, o curso de Jornalismo da ESPM-SP já inicia a prática audiovisual na disciplina *Produção Jornalística e Edição em TV I* com a produção de um programa de entrevistas, o *Planeta ESPM*.⁷

2 O PLANETA ESPM E OS CANAIS DE CONVERGÊNCIA

Na ESPM os docentes são incentivados a aplicar metodologias ativas nos processos de aprendizagem, o que constituem ações que reconhecem o discente como sujeito desse processo e requerem a sua mobilização e comprometimento com as atividades da disciplina, para que o sujeito seja transformado pelo objeto sobre o qual age (CUNHA, 2015). As metodologias ativas estabelecem diversas estratégias de ensino-aprendizagem como a problematização de uma situação, denominada de Aprendizagem Baseada em Problemas, ou como a que desenvolve projetos para a construção de conhecimentos, conhecida como Aprendizagem Baseada em Projetos. A disciplina *Produção Jornalística e Edição em TV I* utiliza esta última por "permitir que os estudantes confrontem as questões e os problemas do mundo real que considerem significativos, determinando como abordá-los e, então, agindo de forma cooperativa em busca de soluções." (BENDER, 2014, p. 9). Os programas de entrevista são elaborados por uma equipe de trabalho comprometida e responsável pelo projeto de produção e execução, desde a pauta até a exibição e distribuição na internet.

A parte prática de execução do projeto de elaboração de um programa de entrevistas é realizada a partir do fornecimento de uma contextualização teórica e conceitual que considera os métodos de apuração, produção e edição jornalística nos meios tradicionais e suas possíveis aplicações no ambiente de convergência digital. Conforme ressalta Canavilhas (2011, p. 19) "o digital não pode ser ensinado por oposição ao analógico, mas sim privilegiar a complementaridade."

⁷ O *Planeta ESPM* surgiu em 2013 e foi criado pela professora Heidy Vargas. A partir de 2015 a professora Egle Müller Spinelli passou a ser docente da disciplina *Produção Jornalística e Edição em TV I* e responsável pela produção do programa. Desde a sua concepção já foram mais de 50 programas realizados e podem ser acessados em: <<http://jornalismosp.espm.br/categoria-videos/planeta-espm>>.

A partir dessa proposta de trabalhar um projeto que resulta em um programa de entrevista, iniciam-se as etapas de realização. Primeiro, ao estruturar um programa de entrevistas no telejornalismo vários autores e pesquisas são elencados para que haja a compreensão da importância do ato de entrevistar na elaboração de narrativas jornalísticas. Essa talvez seja a força motriz do jornalista que questiona, pergunta, intui e duvida para depois dividir esse conhecimento com os demais. Muitas destas literaturas dão conta das técnicas do ato de se fazer a entrevista e todas alertam para a importância da entrevista como um procedimento de coleta de informações. Cremilda Medina (2002) propõe que a entrevista seja um diálogo e alerta que essa não é uma posição idealista e sim resultado de uma interação humana em que os olhares do entrevistado e entrevistador são alterados pela realidade. Com o audiovisual, a entrevista ganha outros contornos como o silêncio, o riso, os gestos, a entonação e até o cenário para potencializar o jornalismo televisivo, definido por Emerim (2012, p. 62) como “um elemento de mediação entre os telespectadores e os acontecimentos, configurando seu discurso como um conjunto de ações discursivas que permitem construir diferentes universos de referência para a definição de sentidos.”

Emerim (2012) pontua a importância do ritmo construído no roteiro dos programas de entrevistas a partir da elaboração das perguntas, que devem ser claras e objetivas para imprimir a rápida dinâmica dos produtos audiovisuais. A entrevista é considerada a essência do jornalismo e, a partir deste recurso um universo informativo muito mais amplo pode ser constituído. Essa particularidade da entrevista é pontuada por Lage (2003, p. 73) como “o procedimento clássico de apuração de informação em jornalismo. É uma expansão da consulta, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos.”

A partir da entrevista podem ser feitas outras conexões para se transmitir uma maior profundidade temática com o auxílio dos processos de convergência e diálogos que se estabelecem em vários espaços informativos e midiáticos (JENKINS, 2014).

O *Planeta ESPM* é um programa de entrevistas que não se restringe a execução de uma entrevista no estúdio entre o aluno-entrevistador e o

Planeta ESPM:

rotinas produtivas e convergência das mídias ditando novas regras no jornalismo

entrevistado. Para compor a narrativa são produzidos materiais extras em diferentes dimensões, que já preparam o aluno a ter o domínio de diversos formatos telejornalísticos como VTs de nota simples, nota coberta, reportagem e povo-fala, capacitando o aluno a compreender como este conteúdo pode interagir e ampliar o roteiro principal. Neste sentido, conforme estabelece Salaverría (2014), existe um trabalho de composição multimídia caracterizado pela própria origem multivisual e multissonora do meio audiovisual, que desde o cinema já permite a inserção de vários meios na sua composição, como a trilha sonora, rótulos textuais, fotografia, efeitos especiais, o que faz desta produção audiovisual um dos “exemplos mais ilustrativos de integração sincrônica de distintos tipos de linguagem” (SALAVERRÍA, 2014, p. 31).

A produção deste material extra, multimídia e audiovisual é primeiramente conectada ao roteiro do programa e depois produzida pelos alunos, que recebem ensinamentos específicos durante as aulas presenciais e em workshops extraclasse, para compreender os recursos técnicos e expressivos da linguagem audiovisual e ter autonomia para operar câmeras para captação do material, executar processos de decupagem, organização de roteiro de edição e montagem do primeiro corte do material bruto na ilha de edição.

Fazer o programa *Planeta ESPM* prepara o discente para atuar na produção da pauta, que envolve a escolha de um tema relevante que tenha importância na atualidade e seja valorizada por uma audiência específica, no caso a comunidade ESPM, representada por jovens universitários, mas que também siga as premissas de um jornalismo formador de opinião pública e de interesse social. Os alunos são orientados para compor grupos de cinco a sete alunos. Eles realizam o roteiro do programa, que é estruturado em três blocos de sete minutos e transmitido ao vivo,⁸ o que demanda uma preparação e organização prévia das funções estabelecidas por cada aluno envolvido.

Posteriormente o material é reorganizado em blocos audiovisuais e conteúdos textuais para serem disponibilizado na página do *YouTube* da Agência de Jornalismo da ESPM-SP e conectado à página oficial do programa localizado no Portal de Jornalismo da ESPM-SP.⁹ Neste processo, o discente

⁸ Transmissão ao vivo pela internet em: <www.espm.br/jornalismolive>.

⁹ Disponível em: <<http://jornalismosp.espm.br/categoria-videos/planeta-espm>>.

precisa compreender a execução de um programa que acaba gerando vários canais comunicativos e, portanto, exercer a habilidade em desenvolver diversas tarefas que envolvem desde a apuração do tema e a execução de roteiros tanto do programa ao vivo como dos materiais complementares que ampliam o contexto abordado. Este processo pedagógico prepara o discente para duas instâncias ligadas aos processos de convergência: a polivalência funcional, referente à preparação do jornalista no desempenho de diversas funções midiáticas, na qual o profissional pode trabalhar em uma série de produtos informativos; e a concentração empresarial, quando o jornalista está incorporado em grupo empresarial de mídia ramificado em múltiplos setores produtivos (SALAVERRÍA; NEGREDO, 2008).

Outro recurso e desafio para o aluno é a inserção no programa de um entrevistado externo por *Skype*, que precisa ser conectado ao roteiro para que o aluno consiga executar a mediação entre o contexto que é abordado ao vivo simultaneamente no estúdio e em locação externa. Também toda a divulgação do programa e interação com a audiência fica a cargo da equipe, que explora principalmente as redes sociais para se conectar a audiência antes e durante o programa ao vivo, e na pós-divulgação, quando fica disponível sob demanda na internet.

Um dos primeiros conteúdos produzidos é um *teaser* em vídeo para ser veiculado na *fanpage* da Agência¹⁰ de Jornalismo da ESPM-SP no *Facebook*, que informa sobre a exibição do programa ao vivo e a temática abordada. É um treino para o aluno se expressar por meio das redes sociais, que exigem o desenvolvimento de linguagem própria, criativa e específica para esta mídia social. No *Facebook*, o *teaser* entra no post acompanhado por um texto que precisa ser composto de forma a ampliar a informação sem redundância. A audiência em potencial já é convidada a assistir ao programa e a enviar perguntas no espaço para comentário do post, que serão futuramente analisadas e inseridas no roteiro conforme a avaliação da produção. No *Facebook*, a estratégia de divulgação precisa ser pontual, para não sobrecarregar a *timeline* dos seguidores. Já no *Twitter*, pela própria linguagem do *microblogging* (140 caracteres no post), representado por uma mídia que

¹⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/agenciadejornalismo/>>.

Planeta ESPM:

rotinas produtivas e convergência das mídias ditando novas regras no jornalismo

permite a descrição em tempo real dos acontecimentos, os alunos divulgam notícias extras, antes e durante o programa, mostrando fotos e vídeos dos bastidores, e frases explicativas sobre os assuntos abordados. Além disso, outro recurso utilizado é o *Periscope*, uma ferramenta conectada ao *Twitter* que transmite vídeo ao vivo, utilizada para retratar o momento da chegada do entrevistado na ESPM, contexto que exige toda uma preparação dos alunos para narrar ao vivo informações sobre o entrevistado e o assunto que será abordado logo a seguir. O *Snapchat*, considerado a rede social dos *millennials*,¹¹ também é outro aplicativo usado como divulgação e interação com a audiência do programa, a partir da criação de conteúdo em texto, foto e vídeo com duração de até dez segundos.

Dessa maneira, os alunos já se preparam para um ambiente de convergência tecnológica, em que o acesso a dispositivos cada vez mais compactos faz com que o grande diferencial seja o domínio da linguagem de diversos meios para potencializar a narrativa jornalística e a interação com o público a partir de um programa de entrevistas.

148 |

3 AS ROTINAS PRODUTIVAS POLIVALENTES

As rotinas de produção da equipe segue em parte as estabelecidas nos manuais e as praticadas nas redações. O que difere essencialmente são os prazos para que esses processos ocorram e as adaptações que precisam ser feitas conforme os graus de convergência. Na academia, normalmente os alunos têm um tempo maior de reflexão e execução das atividades previstas nas disciplinas. A pauta para um programa de entrevista segue as mesmas premissas das realizadas em programas telejornalísticos: é preciso apurar para saber o melhor formato para transmitir determinada informação. “Quanto mais precisa e completa for a apuração, mais subsídios os responsáveis pelo telejornal terão para decidir qual o melhor formato e o tempo que será dado a notícia” (SIQUEIRA; VIZEU, 2014, p. 58). Por isso, a importância de um

¹¹ Uma pesquisa da Comscore mostrou que o *Snapchat* já é a terceira rede social mais acessada entre os *millennials* (quem possui entre 18 e 34 anos). Com 32% de envolvimento entre os jovens, o aplicativo fica atrás somente do *Facebook*, com 75,6% e do *Instagram*, com 43,1%. OLIVEIRA, Willian. Tudo sobre o snapchat: a rede social dos *millennials*. **Agência Mestre**, 22 out. 2015. Disponível em: <<http://www.agenciamestre.com/redes-sociais/tudo-sobre-o-snapchat-a-rede-social-dos-millennials/>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

investimento na escolha e construção de uma pauta ampla que leve em consideração a duração do programa e a interligação de diversas vozes (entrevistado no estúdio, entrevistado por *Skype*, VTs de matérias, interação com as redes sociais). Neste processo, definir um tema de fôlego permite conectar perspectivas distintas e atrair o internauta ao mesmo tempo, colocando-o em contato com um assunto atual e despertando o seu interesse em participar. Os critérios para definição do que será abordado no programa levam em consideração o processo de produção. Para Vizeu (2015), a noticiabilidade e o valor-notícia são dois critérios que norteiam o jornalista a definir os fatos relevantes. O primeiro é definido como “o conjunto de elementos com os quais as empresas jornalísticas controlam e produzem a quantidade e o tipo de fatos, entre os quais vai selecionar as notícias” (VIZEU, 2005, p. 26). O segundo, é um componente da noticiabilidade e corresponde aos “critérios de relevância espalhados ao longo de todo o processo de produção” (VIZEU, 2005, p. 26). No processo de produção das notícias estes critérios possibilitam uma organização da rotina de trabalho para trazerem sentidos significativos de uma “construção social onde os discursos são a materialização de operações e construções” (VIZEU, 2005, p. 33).

Após definida a pauta e o entrevistado do estúdio, o roteiro do programa é dividido em três grandes subtemas, que unidos resultam na narrativa jornalística. Depois, os processos de convergência são estruturados para definir quais questionamentos podem suscitar perguntas que façam ligações com os materiais extras e com o *Skype*, e assim se inicia a construção de um roteiro que leva em consideração as múltiplas vozes. Medina (2002) conceitua a entrevista jornalística como um diálogo executado pela interação social que conduz a uma “interpenetração informativa com a possibilidade de pluralização de vozes e a distribuição democrática da informação” (MEDINA, 2002, p. 18).

Outro caráter definidor de um programa de entrevista bem-sucedido está relacionado ao entrevistado. O roteirista deve sugerir uma pessoa que tenha articulação, ou seja, do ponto de vista televisivo, uma pessoa que se sinta a vontade para que o diálogo se estabeleça e que a notícia midiática ocorra. Muitos se sentem deslocados diante do estúdio e é preciso alertar o entrevistado como será feita a entrevista, onde e de que forma é dada a

Planeta ESPM:

rotinas produtivas e convergência das mídias ditando novas regras no jornalismo

participação do público. Esse contrato ético de informar o entrevistado é necessário para que não haja surpresas no momento da apresentação.

A partir do entendimento de que cada mídia tem uma vocação para o desenvolvimento de determinado conteúdo para impulsionar a interação com o público, o aluno aprende a articular a informação no universo da convergência. Sendo assim, algumas destas vocações comunicacionais podem ser elencadas. A entrevista é o eixo principal e em torno dela ramificam os outros formatos de notícia e dispositivos. Ela traz as principais informações e contrapontos. Reportagens, povo-fala e nota coberta ampliam o diálogo no estúdio, são pontos de apoio do entrevistador para dinamizar a narrativa audiovisual e manter o interesse da audiência. O entrevistado via *Skype* e as perguntas dos internautas pelas redes sociais balizam o andamento do programa e podem intensificar o contraponto do debate. O mais importante é potencializar os processos de convergência para ampliar o diálogo no estúdio e, conseqüentemente, a profundidade temática.

150 |

A exibição em tempo real exige da equipe um comprometimento diferente das atividades previamente gravadas. Esse fator tenciona o grupo a pensar em apresentar temas que tenham ocorrências simultâneas. É pertinente esclarecer que o programa ao vivo se refere a um tipo de procedimento sem cortes e sem montagem. Diante disso, a equipe se prepara em diferentes graus. O entrevistador se prepara para o ato de troca com o entrevistado. Ele também é um dos responsáveis por fazer o roteiro do programa e estabelecer, junto ao diretor, quais os temas que serão debatidos em cada bloco e quais os temas do *Skype* e dos VTs. A percepção ou *feeling* do pauteiro encaminha o entrevistador e o diretor para a construção do roteiro que, por ser ao vivo, é dinâmico.

Esse processo comunicativo é dialógico e imprevisto. O que interessa é o encontro e a capacidade do entrevistador e de sua equipe conseguirem conquistar o entrevistado, orientar a entrevista, mediar os diversos formatos de notícia, a participação com o público e o outro entrevistado que entra via *Skype*. O momento da entrevista se dá como um lugar interativo para a construção de significados. Assim como exemplificou Marília Gabriela (TRAMONTINA, 1996, p. 166), "a entrevista é boa quando o entrevistado diz coisas novas, inéditas", por isso o aluno-entrevistador é orientado a estar atento

para ouvir o entrevistado, pois deste exercício surgem as novidades e as confissões. Além disso, o aluno-entrevistador deve instigar o entrevistado para que exemplifique, traduza, explique o tema, pois esse é um indicativo de referência do mundo real. Emerim (2012) denomina isso de teor de credibilidade, pois o mundo é referendado com testemunhos, lugares e objetos. Outro critério destacado é da existência ou confiabilidade das fontes, pois as entrevistas espelham “impressões, opiniões, falas localizadas e emocionadas, que, portanto, ajudam na formação/construção da opinião pública.” (EMERIM, 2012, p. 56). Como coloca Beltrão (1980), o jornalismo de televisão não exhibe a notícia simplesmente, ele a ajusta ao veículo e ao público e assim retransmite a informação adequada.

Os alunos responsáveis pela produção dos VTs referentes às reportagens, notas cobertas e o povo-fala também recebem orientação do docente para interligá-los com as entrevistas a partir da apuração das pautas e organização do conteúdo a ser desenvolvido. Neste processo, a escolha de pautas relevantes que se conectam com a estrutura principal do roteiro é primordial para que o processo de convergência seja estabelecido. O contato do discente com a realidade dos assuntos abordados posteriormente no programa de entrevista são potencializados pelo ato de captação e edição do material, o que acaba transpondo uma leitura autoral na construção e seleção das imagens e sons, ampliando a interação dos produtores do programa com a temática abordada.

Quanto à estrutura das entrevistas, o entrevistador formalmente trabalha com o sistema de pergunta e resposta, mas também precisa estar aberto ao debate com um terceiro elemento externo que entra em cena, que é o entrevistado via *Skype*. Esse entrevistado pode ser divergente ou ampliar o debate com opiniões complementares. É importante ressaltar que o entrevistador não deve ter contato com o entrevistado antes da entrevista para falar do tema que será tratado. Por isso, é definido um produtor do programa que vai receber o entrevistado e conversar com ele sobre a dinâmica da entrevista. Minutos antes de começar a transmissão, entrevistador e entrevistado são apresentados e o encontro se dá na frente das câmeras. Esta didática é exercida para valorizar a resposta genuína, sem o famoso ‘como eu disse anteriormente’, que esfria qualquer entrevista.

Planeta ESPM:

rotinas produtivas e convergência das mídias ditando novas regras no jornalismo

152 | A audiência e a participação do internauta são itens importantes e potencializam os processos de convergência. Este processo pode ser exemplificado no programa *Planeta ESPM*¹² que tratou do tema esportes eletrônicos e teve uma audiência de 340 visualizações¹³ no canal *YouTube* e, no dia da exibição, chegou a mais de 300 acessos ao vivo no site da ESPM-SP. O entrevistador foi o aluno Rafael Castro e o primeiro bloco situou o tema e trouxe Cleber Fonseca, mais conhecido como Fuzi, diretor do CNB, uma das principais equipes de esportes eletrônicos do Brasil. No final do primeiro bloco, uma pergunta foi feita por um internauta sobre o que ele poderia fazer para se tornar um atleta profissional. Isto modificou o andamento do segundo bloco, que deveria tratar da posição do Brasil frente aos outros países, mas o roteiro teve que ser alterado diante das perguntas sobre a temática de profissionalização do jogador de games. Durante o intervalo, quando entram as produções publicitárias do curso de Publicidade e Propaganda da ESPM, e os alunos têm três minutos para fazerem os ajustes para o próximo bloco do programa, o assunto foi redirecionado para a profissionalização de um jogador de games. Aos cinco minutos do segundo bloco, perguntas começaram a ser feitas pelo *Facebook*, e a equipe as reuniu por temáticas. Esta alteração no roteiro também mudou a participação do entrevistado no *Skype*. Felipe Noronha, jogador de games conhecido como Yoda, estava previsto para entrar no terceiro bloco, mas foi adiantado para abordar o assunto que os internautas queriam saber. Ele colaborou falando sobre o estilo de jogar e a pressão de equilibrar vida profissional, familiar e sentimental. Neste momento o internauta foi um co-autor do debate, pois a participação via *Facebook* mudou o conteúdo da entrevista. Esta dinâmica de convergência do aluno-entrevistador e de toda a equipe no estúdio com outros elementos e recursos, no caso a audiência pelo *Facebook* e o entrevistado externo via *Skype*, requerem uma habilidade instantânea para direcionar as informações que só foram possíveis pela compreensão da pauta e das necessidades do público vigente, criando um novo valor ao produto final.

¹² Programa exibido no dia 17 de novembro de 2015. Primeiro bloco disponível em: <<http://jornalismosp.espm.br/videos/planeta-espm-explica-o-mundo-dos-games>>.

¹³ Normalmente, os programas têm em média 100 visualizações.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta experiência de aprendizado demonstra que a lógica da cadeia de produção de conteúdo jornalístico não obedece mais às regras dos veículos tradicionais e urge ser adaptada para a realidade vigente dentro da sala de aula. Percebe-se também que o avanço tecnológico impulsiona a criação de um ambiente de convergência de mídia para o discente, que vem de uma geração que apresenta mais facilidade em dominar os dispositivos móveis e os equipamentos digitais. Esta realidade traz alguns desafios pedagógicos. O primeiro deles é o encantamento e uso indiscriminado dos recursos tecnológicos e midiáticos possíveis. A outra falácia é dar mais importância à convergência do que ela merece.

Durante a produção, exibição e divulgação do programa *Planeta ESPM* os alunos precisam atuar em um ambiente de convergência tecnológica: gravam e editam conteúdos para serem inseridos no programa; dialogam com o internauta ao vivo; medeiam as entrevistas no estúdio; conectam a entrevista com contextos externos via *Skype*; interagem com a audiência antes, durante e depois do programa nas redes sociais. Esta atividade mostra o exercício e a importância do domínio da linguagem e da técnica em diversos meios como uma forma de construir uma narrativa jornalística mais aprofundada e interativa.

O ato de entrevistar é dinâmico e permite a construção de novos significados, na medida em que os processos de interação são potencializados por outros elementos que estão fora do espaço onde ocorre a entrevista. O novo perfil do jornalista exige a formação de um profissional que esteja apto a lidar com a convergência das mídias, além de trabalhar de forma independente e inteirado com a temática abordada.

Um caminho, além de executar a criação da narrativa audiovisual, é ampliar o olhar das pautas para a pluralidade de mídias e descobrir a vocação de cada uma delas, assim adaptando a linguagem audiovisual às conexões possíveis em um ambiente de convergência em constante mutação. Canavilhas (2011, p. 18) ressalta que “explorar novas formas de distribuir informação implica o desenvolvimento de novas aplicações e novas linguagens adaptadas às características dos suportes e dos públicos.”

Planeta ESPM:

rotinas produtivas e convergência das mídias ditando novas regras no jornalismo

No campo acadêmico, a convergência traz grandes desafios, tanto para os discentes como para a docentes. O bom jornalismo ainda é feito de informações bem contextualizadas e de muito estudo e análise. Talvez o maior desafio do docente de telejornalismo seja equilibrar essas forças, pois precisa transmitir estes valores e potencializar produções a partir de uma geração familiarizada com a convergência de mídias. 

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BENDER, Willian N. **Aprendizagem baseada em projetos**: educação diferenciada para o século XXI. Porto Alegre: Penso, 2014.

CANAVILHAS, João. Ensino do Jornalismo: o digital como oportunidade. In: QUADROS, Claudia; CAETANO, Kati; LARANGEIRA, Álvaro (Orgs.). **Jornalismo e convergência**: ensino e práticas profissionais. Covilhã: LabCom, 2011.

CUNHA, Marcus Vinicius. **A aprendizagem ativa na filosofia educacional de John Dewey**. São Paulo: ESPM, 2015.

EMERIM, Cárilda. **As entrevistas na notícia de televisão**. Florianópolis: Insular, 2012.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista, o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2002.

TRAMONTINA, Carlos. **Entrevista**: a arte e as histórias dos maiores entrevistadores da televisão brasileira. São Paulo: Globo, 1996.

SALAVERRÍA, Ramón. Los medios de comunicación ante la convergencia digital. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE CIBERPERIODISMO Y WEB 2.0, 1., 2009, Bilbao. **Anais eletrônicos...** Bilbao: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, 2009. Disponível em: <<http://dspace.unav.es/handle/10171/5099>>. Acesso em: 30 jan. 2016.

_____. Multimedialidade: informar para cinco sentidos. In: CANAVILHAS, João. **Webjornalismo**: sete características que marcam a diferença. Covilhã: Labcom, 2014.

SALAVERRÍA, Ramón; GARCÍA AVILÉS, José A.; MASIP, Pere. Media convergence as a research concept: a proposal for its theoretical and operational definition. In: EUROPEAN COMMUNICATION RESEARCH AND EDUCATION ASSOCIATION, 2., 2008, Barcelona. **Anais eletrônicos...** Barcelona: ECREA, 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/zeYDFZ>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

SALAVERRÍA, Ramón; NEGREDO, Samuel. **Periodismo integrado**. Convergencia de medios y reorganización de redacciones. Barcelona: Editorial Sol 90, 2008.

SIQUEIRA, Fabiana Cardoso de; VIZEU, Alfredo. Jornalismo em transformação: as escolhas dos formatos das notícias na TV. In: VIZEU, Alfredo et al. **Telejornalismo em questão**. Florianópolis: Insular, 2014. (Coleção Jornalismo Audiovisual).

VIZEU, Alfredo. **O lado oculto do telejornalismo**. Florianópolis: Calandra, 2005.

WILKINSON, Jeffrey S.; GRANT, August E.; FISHER, Douglas J. **Principles of convergent journalism**. Nova York: Oxford University Press, 2009.